



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIAS E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**JORNALISMO MULTIMÍDIA E MEMÓRIA DO
HOLOCAUSTO**

GIOVANNA REGINALDI DI FLURI

Rio de Janeiro/RJ

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIAS E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

JORNALISMO MULTIMÍDIA E MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Jornalismo.

GIOVANNA REGINALDI DI FLURI

Orientadora: Profa. Marialva Carlos Barbosa

Coorientadora: Profa. Cristine Gerk

Rio de Janeiro/RJ

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

R536j Reginaldi Di Fluri, Giovanna
Jornalismo multimídia e memória do
Holocausto / Giovanna Reginaldi Di Fluri. --
Rio de Janeiro, 2023.
51 f.

Orientadora: Marialva Carlos Barbosa
Coorientadora: Cristine Gerk
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2023.

1. jornalismo. 2. memória. 3. Holocausto. 4.
redes sociais. 5. mídias digitais. I. Barbosa,
Marialva Carlos, orient. II. Gerk, Cristine,
coorient. III. Título.

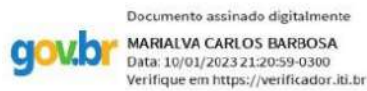
Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Jornalismo multimídia e memória do Holocausto**, elaborado por **Giovanna Reginaldi Di Fluri**.

Aprovado por



Prof^ª. Dr^ª. Marialva Carlos Barbosa (orientadora)

Prof^ª Cristine Gerck (coorientadora)

Prof^ª Alice Melo

Grau:

Rio de Janeiro, no dia 10 / 01 / 2023

Rio de Janeiro
2023

Aos que foram silenciados; aos que arriscaram e perderam a vida por outros; aos que sobreviveram e ficaram para testemunhar.

AGRADECIMENTOS

Deborah, minha mãe, você é a força motivadora que existe em mim. Obrigada por todo apoio, cuidado, amor, paciência e tempo que me dedicou ao longo da vida. Sem você, eu não sei se conseguiria chegar até aqui. A conclusão deste trabalho representa mais uma etapa concluída na minha vida, e eu sou grata a Deus por você estar aqui, vendo mais uma conquista ao meu lado. É por você.

Julio, meu pai, obrigada por sempre manter os pés no chão. Sua integridade e honestidade moldaram quem sou hoje em dia. Procurando seguir o certo, você mostrou os caminhos da vida e orientou para que eu tomasse as minhas decisões. Agradeço por ter você comigo nessa caminhada.

Meus avós, Odila, Vincenzo, Tereza e José, que não estão mais fisicamente ao meu lado, mas estão sempre comigo. Obrigada por tudo! Carrego no meu coração todos os anos que estivemos juntos neste plano. Como diz a tatuagem que fiz em homenagem a vocês: "de todo o amor que eu tenho, metade foi tu que me deu."

Thor, meu filho de quatro patas. O único que estava ao meu lado, fazia chuva ou sol. Meu anjo da guarda, que durante a produção deste trabalho, ficava deitado, tranquilo e quieto, esperando terminar só mais uma frase para ir na rua passear.

Rômulo, meu parceiro que escolhi para a vida. Nas horas difíceis em que pensei que não conseguiria, você sempre esteve ao meu lado com toda a motivação do mundo. Obrigada pelo apoio, força e por sempre estimular o melhor que existe em mim.

Minha tia Áurea e meu primo Alessandro, amo muito vocês. Mesmo distante estão sempre comigo. Quem dera se a Itália ficasse ao lado do Rio de Janeiro. Meus padrinhos Maria e Rocco, que estiveram ao meu lado desde o meu nascimento e nunca deixaram de estar presentes na minha vida. Sem a minha família, eu nada seria.

Professora Marialva, obrigada por ter aceitado o meu convite para esta orientação e por ter guiado minhas ideias com perfeição. Sua presença sempre foi forte desde o início da faculdade com a minha turma, os seus alunos de 2019.1. Professora Cristine, que desde o início sempre demonstrou disponibilidade para ajudar.

"Para colocar as coisas claramente, há razões para a gente se preocupar, porque sabemos agora que vivemos num tipo de sociedade que tornou possível o Holocausto e que não teve nada que pudesse evitá-lo. Só por essas razões já seria necessário estudar as lições do Holocausto. Tal estudo é muito mais que um tributo à memória de milhões de seres trucidados, muito mais que um acerto de contas com os assassinos e muito mais que a cura das feridas morais ainda abertas das testemunhas passivas e silenciosas."

Zygmunt Bauman, 1998

DI FLURI, Giovanna Reginaldi. **Jornalismo multimídia e memória do Holocausto**. Orientadora: Marialva Carlos Barbosa. Coorientadora: Cristine Gerck. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2023.

RESUMO

Este trabalho explora a questão da memória do Holocausto e do papel do jornalismo multimídia como ferramenta para conservá-la. Em um primeiro momento, há uma contextualização necessária a fim de ressaltar a importância da preservação da memória do Holocausto de uma forma geral. Logo em seguida, busca-se aprofundar a questão da memória e do relato dos sobreviventes, analisando como a memória do Holocausto foi construída desde o fim da guerra até o século XXI. Nesse momento, apresenta-se o universo da internet e a produção da memória do Holocausto no espaço digital, articulando com o crescimento das redes sociais e do negacionismo. Adicionalmente, articula-se a questão da internet e a presença dos sobreviventes nas plataformas digitais. Por meio de exemplos de representantes do Holocausto disponíveis nas redes sociais, o trabalho busca demonstrar como o jornalismo multimídia pode ser utilizado para conservar a memória do Holocausto hoje e no futuro.

Palavras-chave: jornalismo; memória; Holocausto; redes sociais; mídias digitais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. HOLOCAUSTO: UMA MEMÓRIA NÃO SILENCIADA	5
2.1. Uma pausa para o contexto	
2.2. Memória e testemunho: o Holocausto como "acontecimento incontornável"	
3. JORNALISMO, MEMÓRIA E HISTÓRIA: ARTICULAÇÕES	14
3.1. Jornalismo e memória	
3.2. O trabalho do jornalismo no filme "A chave de Sarah"	
4. O HOLOCAUSTO NAS MÍDIAS DIGITAIS	22
4.1. O negacionismo como um novo desafio	
4.2. Memória do Holocausto no século XXI	
4.3. As redes sociais como ferramenta de registro histórico	
5. MUSEU MEMORIAL DO HOLOCAUSTO DOS ESTADOS UNIDOS NO YOUTUBE: UMA NARRATIVA MEMORIAL	31
5.1. First Person: a live do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos no Youtube	
5.2. Na voz dos sobreviventes: a entrevista <i>First Person</i>	
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1. INTRODUÇÃO

Em 2013, quando ainda estava no ensino médio, tive o privilégio de assistir a uma palestra de um sobrevivente do Holocausto em meu antigo colégio. Nove anos depois, comprei um livro chamado "O sobrevivente" que, inclusive, será visto neste trabalho.

Para minha surpresa, eu já conhecia a história: quando vi o nome do autor, revivi aquele dia em que pude ver e conversar com Aleksander Henryk Laks. Levarei comigo para sempre o abraço que trocamos ao fim da palestra.

Gostaria, genuinamente, que todos tivessem a oportunidade que tive. Espero transmitir, nestas páginas, tudo aquilo que ficou marcado após quase dez anos desse encontro.

Antes de começar a leitura deste trabalho, julgo necessário esclarecer uma questão sobre o termo Holocausto. Pela dificuldade em designar o massacre de milhões de judeus, vários termos foram usados ao longo dos anos. Ainda hoje, há discussões sobre qual é a melhor palavra para retratar esse episódio. Por questões de melhor compreensão, optei por utilizar a palavra Holocausto para falar sobre o genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial.

Ao pensar sobre o assassinato de seis milhões de judeus, algumas pessoas podem ter em mente as cenas de filmes aclamados, como "A vida é bela" e "A lista de Schindler." No entanto, a realidade vai muito além disso. Quando falamos sobre o Holocausto, estamos falando da morte de milhões de pessoas inocentes, incluindo bebês, crianças, mulheres, doentes e idosos; estamos falando de famílias e vidas que foram completamente destruídas.

Não discutiremos a legitimidade dos testemunhos dos sobreviventes ou a divisão entre o mal nazista e o bem judeu. O objetivo deste trabalho não é traçar uma linha divisória que generalize alemães e judeus. O ponto principal desta monografia é ressaltar a importância de manter viva a memória do Holocausto atual e futuramente, buscando exemplificar como o trabalho do jornalismo é fundamental para que essa tarefa tenha sucesso, especialmente no mundo digital.

É urgente falar sobre este assunto atualmente, mesmo que já tenha passado mais de 70 anos desde o fim da guerra. Cada vez mais estamos vendo uma crescente onda de manifestações neonazistas ao redor do mundo e menos lembranças sobre o Holocausto.

Veremos adiante números de estudos que comprovam que algumas pessoas, principalmente os jovens, sequer sabem o que foi o Holocausto. Outros ainda acreditam

que o genocídio dos judeus nunca aconteceu. Esse tipo de manifestação é extremamente preocupante, pois "aqueles que não conhecem a história estão fadados a repeti-la."

A questão de manter viva a memória do Holocausto se torna ainda mais alarmante quando falamos sobre os testemunhos daqueles que viram e viveram todos os horrores que veremos adiante. Os sobreviventes estão morrendo, já não temos mais o tempo de antes. Por este motivo, o trabalho de preservar a história do Holocausto se torna uma corrida contra o tempo, enquanto ainda podemos ter, em primeira mão, o relato diretamente da única fonte, da testemunha insubstituível, que é o sobrevivente.

O ponto principal deste trabalho é ressaltar a importância do jornalismo para a construção de uma sociedade consciente, reafirmar o papel de jornalista como principal responsável pela divulgação e elucidação dos fatos e compreender que inovação e modernidade precisam ser acompanhadas.

Em termos específicos, o objetivo é indicar a importância de produzir conteúdo jornalístico nas novas mídias digitais para manter viva a memória do Holocausto. Em uma sociedade que nega o genocídio dos judeus e ainda dá indícios de certas características nazistas, é extremamente importante que os sobreviventes sejam protagonistas ao contar suas próprias histórias de vida ao mundo enquanto ainda há tempo.

Em uma primeira análise, o leitor terá uma visão geral sobre o mecanismo do Holocausto, ou seja, como os nazistas estruturaram um sistema de assassinato que buscava exterminar completamente a comunidade judaica. Entender esse ponto é fundamental para a compreensão da argumentação deste trabalho. A partir desse entendimento, tem-se uma visão crítica sobre a importância de conservar a memória do Holocausto, uma vez que o leitor terá em mente o real objetivo do assassinato de milhões de judeus.

Atrelado a este último ponto, seguiremos com a questão do testemunho como principal chave para manter viva a memória do Holocausto. Como voz principal do acontecimento, veremos relatos escritos pelos sobreviventes que irão complementar a base teórica discutida ao longo do trabalho.

Entraremos em um dos pontos principais ao falar sobre qual papel o jornalismo assume quando falamos sobre a manutenção da memória do Holocausto atualmente. Para criar essa base argumentativa, veremos autores relevantes que atuam no eixo relacionado ao jornalismo e à memória. Todos sabem da importância do trabalho jornalístico para a sociedade como formador de opinião e responsável social. A partir desse ponto, será

explorado como esse papel do jornalista na sociedade deve contribuir para a preservação e continuidade da memória do Holocausto.

O jornalismo nas novas mídias digitais como ferramenta para manter viva a memória do Holocausto é o ponto chave do trabalho. A partir deste capítulo veremos as articulações que irão levar ao principal objeto de estudo desta pesquisa. Em um primeiro ponto, o leitor terá uma visão sobre a importância do jornalismo multimídia na conservação da memória do Holocausto, uma vez que falaremos sobre as crescentes ondas negacionistas, principalmente na *internet*.

Logo em seguida, colaborando com os estudos sobre o negacionismo no ambiente digital, veremos como a memória do Holocausto é retratada no século XXI. Nesse sentido, veremos, além de episódios que buscavam falsificar e negar o genocídio dos judeus, exemplos de pessoas que tentaram se apropriar do lugar de testemunha dos sobreviventes, quando, na verdade, não se passavam de mentirosos. Nesses casos, veremos como o jornalismo foi fundamental para esclarecer essas verdades.

Para fechar o capítulo sobre o Holocausto nas mídias digitais, mostraremos como essa memória está sendo explorada nas redes sociais. Para isso, veremos exemplos de páginas da *internet* que retratam o Holocausto na forma digital de museus e memoriais. O ponto principal do encerramento do capítulo é apresentar ao leitor a presença dos sobreviventes nas redes sociais e como eles abordam a questão do Holocausto.

Esse ponto é interessante, pois teremos uma visão sobre a transição do mundo para o espaço digital, principalmente no que diz respeito à memória do Holocausto. Conhecer esses sobreviventes e saber que eles estão presentes nas redes sociais é uma oportunidade única, um privilégio que deve ser valorizado.

O último capítulo traz, de forma objetiva e prática, o que será discutido ao longo do trabalho. O objeto estudado na última parte simboliza, de forma concreta, toda a argumentação teórica que será vista no decorrer destas páginas. O Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos com a *live First Person* é a representação real, completa e acessível sobre o jornalismo multimídia e a memória do Holocausto.

"Qualquer homem que ainda tenha um resíduo de honra tomará todo cuidado para não se tornar jornalista"¹, escreveu Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazista, em seu diário no dia 14 de abril de 1943. Ao final da leitura deste trabalho, poder-se-á

¹ Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/writing-the-news>> Acesso em: 7 dez, 2022.

relembrar essa frase e afirmar que qualquer pessoa que tenha honra, integridade e responsabilidade tomará todo cuidado para, sim, tornar-se jornalista.

2. HOLOCAUSTO: UMA MEMÓRIA NÃO SILENCIADA

Entender o processo de eliminação dos judeus durante o Holocausto é fundamental para compreender a importância de proteger e conservar os testemunhos. Neste capítulo, faremos uma breve contextualização histórica do Holocausto, buscando entender como aconteceu a tentativa de eliminar os judeus não só na esfera física, mas também na memória.

Essa questão é imprescindível para entender a importância da manutenção da memória do Holocausto e dos testemunhos dos sobreviventes. Além disso, começaremos a analisar o papel do jornalismo frente à memória do Holocausto, principalmente no que diz respeito aos dias atuais.

2.1. Uma pausa para o contexto

O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura. (BAUMAN, 1998, p. 10).

A temática do Holocausto é debatida com intensidade desde o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Ao longo desses 77 anos, buscaram-se explicações para tentar compreender o genocídio de seis milhões de judeus, sem contar os outros grupos que se encontravam nos campos de concentração, entre eles homossexuais, prisioneiros de guerra, oponentes políticos e religiosos.

Para nós, que não vivemos durante essa época sombria, é difícil imaginar tamanha falta de humanidade entre seres da mesma espécie. As atrocidades cometidas nos campos de concentração, as crueldades impostas às pessoas doentes e a perseguição incansável a qualquer ameaça ao governo nazista parecem roteiro do mais perverso filme de ficção.

É improvável que não julgemos esse período tão devastador da humanidade. A questão mais difícil é compreender o Holocausto (HOBSBAWM, 2019).

A tentativa de eliminar os judeus da Alemanha e da Europa começou nos primeiros anos do governo de Hitler. Em 1935, as Leis de Nuremberg, como ficaram conhecidas, davam os primeiros sinais da tentativa de apagar a memória judaica.

Os judeus eram proibidos de ocupar cargos públicos nas universidades e no judiciário, não podiam casar com alemães, e não tinham mais direito a pedidos de cidadania.

Três anos depois, um violento ataque aos judeus aconteceu por toda a Alemanha: foi a "*Kristallnacht*", a Noite dos Cristais.

[...] Lembro-me de novembro de 1938, quando ocorreu a terrível Noite dos Cristais, em que propriedades de judeus foram saqueadas e sinagogas queimadas por toda a Alemanha – Hitler começava claramente a concretizar seu plano de expulsar e exterminar os judeus. (KONIG, 2020, p. 16).

No dia 20 de janeiro de 1942, quando os principais líderes nazistas se reuniram para discutir a "solução final para a questão judaica", a Conferência de Wannsee, como ficou conhecido esse encontro, serviu para que se discutisse as formas mais convenientes de eliminar de judeus da Europa.

"[...] o objetivo principal do encontro foi discutir a logística do extermínio. Os homens sentados em torno da mesa na villa de Wannsee estavam bem cientes disso" (EVANS, 2012, p. 227). A partir desse momento, a descaracterização do judeu como ser humano e a eliminação da comunidade judaica estava decretada.

A forma eficiente de assassinato em massa elaborada em 1942 é, hoje em dia, a maior representação do Holocausto: os campos de concentração. O primeiro, inaugurado em 20 de março de 1933², nove anos antes do começo da Segunda Guerra Mundial, serviu inicialmente para conter prisioneiros políticos na Alemanha. O campo, próximo à Munique, levou o nome de Dachau, cidade onde se localizava.

Após a Conferência de Wannsee e a total aprovação do genocídio pelas autoridades nazistas, os campos começaram a receber milhares de pessoas por dia. Eles eram classificados em cinco categorias: campos de concentração, trabalho forçado, trânsito, prisioneiros de guerra e extermínio.

O maior símbolo desse trágico legado é Auschwitz, onde mais de um milhão de judeus foram assassinados³.

"Uma vez que o objetivo de uma Alemanha *judenfrei* transformou-se na meta de uma Europa *judenfrei*, a expulsão dos judeus da nação alemã tinha que ser suplantada por sua total desumanização [...]" (BAUMAN, 1998, p. 32). Essa desumanização foi concretizada nos campos de concentração.

² Disponível em <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/dachau>> Acesso em: 18 out, 2022.

³ Disponível em:

<<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/documenting-numbers-of-victims-of-the-holocaust-and-nazi-persecution>> Acesso em: 18 out, 2022.

A retirada de todas as características humanas dos judeus começava muito antes da chegada aos campos.

Ao deixarem suas casas sob ameaças violentas dos nazistas, os judeus eram obrigados a deixar tudo de valor para trás, desde joias até retratos de família. "Era mais uma forma de romper os laços com o passado, com a vida normal: tudo de valor sentimental era-lhes retirado" (GUTERMAN, 2020, p. 56). O objetivo era apagar qualquer tipo de vínculo que pudesse criar uma resistência nos campos de concentração.

Sob o falso pretexto de trabalho e uma vida melhor longe dos centros de guerra, os judeus embarcavam em uma viagem rumo ao desconhecido. Dentro de vagões de gado, em viagens que duravam dias e até semanas, havia pessoas que não tinham água para beber ou local para fazer as necessidades. Não comiam e não dormiam, afinal, não havia comida e nem espaço suficiente para sentar.

Desde o caminho até os campos de concentração, o objetivo era eliminar gradualmente a dignidade humana de cada indivíduo. Assim, quando chegavam aos campos, já cansados e doentes da viagem exaustiva, não haveria resistência. Logo, os judeus estavam reduzidos a não pensar e a não reagir diante das ordens dos soldados alemães.

Ao chegar nos campos, os prisioneiros eram separados de suas famílias e direcionados à esquerda ou à direita. Um lado significava sobreviver naquele momento. O outro, era o caminho para a morte. Com um simples apontar dos dedos, os oficiais nazistas decidiam quem estava apto ao trabalho e quem deveria ir direto às câmaras de gás (LAKS, 2014). As vidas eram descartadas de forma insignificante nos campos de concentração, com uma praticidade inédita.

Um dos recursos usados para descaracterizar os judeus como seres humanos era a utilização de tatuagens com números que identificavam cada prisioneiro. Eles não tinham mais nomes, não eram mais filhos, pais, maridos, mulheres, irmãs, eram apenas objetos marcados dentro do sistema de extermínio nazista.

O último ponto desse esquema complexo de eliminação da memória judaica era a morte. O mecanismo que os nazistas utilizavam não deixava rastros do que aquela pessoa tinha sido em vida.

Depois de mortos pelo gás, os prisioneiros eram queimados nos fornos crematórios e jogados em valas comuns.

Não havia espaço para nenhuma forma de condescendência ou compaixão com aqueles que, para nazistas, nem animais eram. Nem após a morte os prisioneiros recuperavam um pouco de sua dignidade, pois seus restos serviam como matéria para usos diversos – os cabelos eram retirados para serem utilizados em indústrias têxteis, enquanto as cinzas serviam como isolante térmico ou para aterrar pântanos, ao passo que, dos dentes, extraía-se ouro. (GUTERMAN, 2020, p. 60).

Ao final da guerra, o plano de eliminação dos judeus saiu do controle. Com medo de retaliações por conta dos crimes cometidos pela Alemanha, os nazistas foram orientados a destruir qualquer tipo de prova que pudesse incriminá-los.

Câmaras de gás e fornos crematórios foram destruídos, as valas foram preenchidas com terra e cobertas com grama, os documentos foram queimados e os campos começaram a ser evacuados nas "marchas da morte." A estimativa é de que um a cada quatro prisioneiros tenha morrido nestas tentativas de evacuar os campos⁴.

O objetivo era eliminar as pistas que pudessem trazer qualquer suspeita de que o genocídio fosse real, ou seja, agir de forma como se o Holocausto nunca tivesse acontecido. Os alemães travaram uma guerra contra a memória e adotaram uma negação da realidade e até uma fuga da mesma (LEVI, 2004).

2.2. Memória e testemunho: o Holocausto como "acontecimento incontornável"

A utilização da expressão "acontecimento incontornável", entre aspas, é uma referência expressa ao conceito anunciado por Didi-Huberman, em seu livro *Diante do Tempo* (2017). Para ele, acontecimento incontornável diz respeito a um momento da história que não pode (e não deve ser esquecido) sob pena de o próprio ser humano recusar a sua humanidade.

No mesmo texto Didi-Huberman faz alusão à questão da sobrevivência como fundamento da compreensão histórica. É a sobrevivência que permite, segundo o autor, inspirado nas considerações de Walter Benjamin, o acesso a uma materialidade do tempo fixada nos vestígios, nos "dejetos da história".

Aquilo que muitas vezes é deixado de lado, mas que não pode ser desconsiderado. "O fato de uma ter passado não significa apenas que está longe de nós no tempo. Continua

⁴ Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/death-marches-1>> Acesso em: 24 out, 2022.

distante, é certo, mas o seu próprio distanciamento pode aproximar-se de nós qual alma penada, qual assombração" (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 133).

O objetivo dos nazistas não era apenas exterminar fisicamente os judeus, mas apagar todos os traços da passagem desse povo pela Terra, ou seja, tornar o Holocausto um acontecimento sem rastro (ROBIN, 2016). Assim, ao travar uma guerra contra os judeus, pode-se dizer que Hitler declarava uma luta contra a memória da humanidade. A Alemanha nazista perdeu as duas guerras que lutou: contra os Aliados e contra a memória.

Nesta última, porém, os judeus e todos os outros perseguidos pela máquina nazista não tiveram chances de revidar à altura ao mesmo tempo. No entanto, a vitória e a resposta vieram depois, quando muitas pessoas tiveram a sorte e a força de sobreviver, e ficaram para testemunhar (LEVI, 2004).

De acordo com Guterman (2020), não é a religião que garantiu a sobrevivência dos judeus ao longo dos séculos, mas a palavra passada por gerações, ou seja, a memória. No caso do Holocausto, quando a comunidade judaica foi ameaçada de extinção, há um compromisso dos judeus pela preservação da própria memória do seu povo.

Não são as linhagens étnicas e políticas que formam as principais vertentes da história judaica, mas a transmissão entre gerações de conteúdo verbal: "[...] a continuidade judaica sempre foi pavimentada com palavras" (OZ; OZ-SALZBERGER apud GUTERMAN, 2020, p. 38).

A resistência do povo judeu não começou apenas com a libertação dos campos de concentração, mas deu-se antes do fim da Segunda Guerra Mundial. Apesar de não conseguir revidar na mesma força com que os alemães atacaram, a comunidade judaica tinha outras formas de resistir. Não era com a violência, mas com as palavras. Há diversos relatos de mensagens e cartas que foram descobertas nos campos de concentração após o fim da guerra.

Uma das cartas encontradas em 1980 estava enterrada dentro de uma garrafa em Auschwitz. Na mensagem, um prisioneiro judeu relatava com detalhes sobre a sua vida no campo e mencionava as barbaridades que ocorriam. Ele termina a carta dizendo que não estava triste porque ia morrer, mas porque não conseguiria se vingar como gostaria⁵.

Além de encontrarem cartas nos campos, alguns relatos também foram descobertos nos guetos, onde muitos judeus sofreram e pereceram. Esses lugares separavam-os do

⁵ Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/brasil/historia/carta-enterrada-em-auschwitz-revela-que-mente-humana-nao-pode-imaginar-21935529>> Acesso em: 24 out, 2022.

restante da população e eles eram obrigados a conviver com superlotação, fome, doenças e mortes. No Gueto de Varsóvia, na Polônia, alguns judeus organizaram um acervo com o máximo de documentos que conseguiram na época.

Eles colocaram os arquivos em caixas e enterram-as para que fossem descobertas após a guerra. Em algumas cartas, havia trechos que diziam que "o que não podemos gritar ao mundo, enterramos no chão" e que "agora podemos morrer em paz. Cumprimos a nossa missão. Que a história seja testemunha" (KASSOW apud GUTERMAN, 2020, p. 42).

Mesmo diante de péssimas condições de vida, sob situações que desafiavam a condição humana de sobrevivência, os judeus conseguiram preservar a memória que tentaram apagar. Essas mensagens, escondidas em latas e caixas enterradas no chão, demonstraram a força da resistência judaica:

Se os nazistas pretendiam fazer um "acontecimento sem testemunha", com efeito, nos guetos, em todos os lugares onde isso seria possível, mesmo em condições terríveis, mesmo entre os *Sonderkommandos*⁶, em toda parte as pessoas começaram a escrever, a testemunhar, a falar, a descrever, em pleno extermínio diário. (ROBIN, 2016, p. 239).

Após o fim da guerra, demorou um tempo até que os sobreviventes conseguissem falar sobre suas experiências traumáticas. Muitos perderam a família inteira nos campos de concentração, como Olga Lengyel, uma judia húngara que perdeu o marido, os pais e os dois filhos em Auschwitz.

Para esses sobreviventes, falar não era fácil. Recordar os anos nos campos nazistas era reviver o sofrimento a que foram impostos: "Infelizmente, não existe o botão "delete" na minha mente. Gostaria de poder apagar o que vi e vivi, especialmente a sensação de sofrimento" (KONIG, 2015, p. 7).

A vontade de esquecer dominava a vida dessas pessoas, mas havia um sentimento que era mais forte do que isso: a vontade de testemunhar; o esforço para manter viva a memória dos que morreram; a força para deixar registrado o seu testemunho ao mundo; o trabalho para que o Holocausto não caísse no esquecimento.

De minha parte, tinha decidido firmemente que, independente do que me viesse a acontecer, não me teria tirado a vida. Queria ver tudo, viver tudo, fazer experiência de tudo, conservar tudo dentro de mim. Com que

⁶ *Sonderkommandos* era o nome dado ao grupo de judeus responsáveis pelo "trabalho sujo" dos campos de concentração que incluía retirar os corpos das câmaras de gás, revirar os mortos para pegar objetos de valores, queimar os corpos e descartar as cinzas dos mortos.

objetivo, dado que nunca teria tido a possibilidade de gritar ao mundo aquilo que sabia? Simplesmente porque não queria sair de cena, não queria suprimir a testemunha que poderia me tornar. (LANGBEIN apud AGAMBEN, 2008, p. 25).

Konig (2020) rebate sua própria afirmação ao dizer que lembrar é poder viver, pois esquecer é morrer e perder sua família. Assim, como afirma Agamben (2008), podemos dizer que o sobrevivente tem a vocação da memória, ou seja, não pode deixar de recordar.

Esse sentimento é demonstrado na frase de Primo Levi em uma passagem de seu texto *Conversazioni e interviste*: "Por algum motivo que não conheço, aconteceu-me algo de anômalo, diria quase uma preparação inconsciente para testemunhar" (LEVI apud AGAMBEN, 2008, p. 36).

Konig (2020) também demonstra o mesmo sentimento ao afirmar que é preciso esclarecer esse período sombrio da história mundial para que nenhuma vida mais seja desperdiçada pela ignorância ou pela intolerância: "Essa é a nossa luta e o nosso legado" (KONIG, 2020, p. 9).

Outros autores sobreviventes também passaram pelo mesmo sentimento de compromisso com a memória que se origina de situações violentas, como no caso do Holocausto (SELIGMAN-SILVA, 2008). Nesse caso, os sobreviventes sentem que precisam testemunhar não só por eles, mas por todas as pessoas que morreram.

Jaku (2021) intensifica esse pensamento quando afirma que escreve em memória de seus parentes assassinados e, também, como uma forma de lembrar dos "seis milhões de judeus inocentes que não podem falar por si, e em memória da cultura, da música e do grande potencial que pereceram com eles" (JAKU, 2021, p. 222).

"Ao estabelecer esse registro pessoal, tentei cumprir o mandato que me foi dado pelas muitas companheiras prisioneiras em Auschwitz, que morreram tão horrivelmente. Este é meu testemunho por elas" (LENGYEL, 2018). A sobrevivente completa dizendo que enquanto escrevia as últimas palavras de seu livro, os rostos das vítimas surgiam à frente dela, em silêncio, pedindo que Lengyel contasse suas histórias.

A construção da memória do Holocausto pelo testemunho das vítimas é o resgate da pessoa, do indivíduo que foi destruído e dos que morreram sem nenhum sentido. São eles, os sobreviventes, que experimentaram os horrores diretamente, "os portadores diretos de uma memória sem precedentes, a fonte principal, o bem mais valioso da memória do Holocausto" (GUTERMAN, 2020, p. 226).

Essa construção da memória, ou seja, o resgate do testemunho dos sobreviventes, é indispensável, pois contribui para o pensamento crítico sobre o Holocausto no que diz respeito às reações das pessoas diante dos sobreviventes e dos acusados.

Ao estabelecer a responsabilidade ética da sociedade frente à memória do Holocausto, forma-se uma consciência que tem a capacidade de lidar com esse passado, contribuindo a pensar criticamente a sociedade (OLIVEIRA, 2016).

Nesse sentido, além de manter a memória viva e evitar o esquecimento, os testemunhos dos sobreviventes foram importantes no julgamento de nazistas após o fim da guerra. Ao darem seu depoimento contra os oficiais acusados no tribunal, as vítimas reafirmaram seu papel como a principal fonte de memória do Holocausto e contribuíram para a elucidação dos crimes nazistas.

Para Oliveira (2016), a visão do sobrevivente é a memória mais viva em detalhes do Holocausto e, para o julgamentos, foi um testemunho do mais grave dos crimes contra a humanidade. Guterman (2020) concorda ao dizer que quanto mais próximo dos fatos narrados, maior autoridade terá essa fonte.

Depois de quatro anos de preparações, durante os quais foram tomadas declarações de 1.300 testemunhas, o "julgamento de Auschwitz" começou em Frankfurt em dezembro de 1963 e durou vinte meses. Seis dos acusados receberam a sentença de prisão perpétua, onze foram condenados à reclusão de três a quatorze anos, e três foram absolvidos. [...] ele funcionou como um lembrete chocante dos crimes aterradores da era nazista, cuja lembranças tinham sido suprimidas. (KITCHEN apud OLIVEIRA, 2016, p. 322).

A palavra e os relatos transmitidos entre gerações sempre foram importantes desde a formação da comunidade judaica. Os testemunhos dos sobreviventes do Holocausto ocuparam um valor singular, único.

De acordo com Seligmann-Silva (2008), todo testemunho é insubstituível pois ele condiz com a singularidade de cada mensagem. Guterman (2020) contribui com essa afirmação ao dizer que ninguém pode falar pelas vítimas, a não ser elas mesmas, porque o testemunho é intransferível.

Só quem viveu esse acontecimento é capaz de testemunhar. Logo, a preservação da memória do Holocausto transforma-o em um "acontecimento incontornável", pois a sobrevivência do povo judeu dependia da conservação dessa memória, que é única, intransferível e insubstituível (SELIGMAN-SILVA, 2008; GUTERMAN, 2020). Os

sobreviventes são vestígios; a memória que restou da tentativa nazista de eliminar a existência dos judeus.

3. JORNALISMO, MEMÓRIA E HISTÓRIA: ARTICULAÇÕES

Finalmente percebi que tinha sobrevivido para que alguém pudesse contar o que aconteceu durante o Holocausto. Se ninguém contar a história do Holocausto, ele será esquecido, e aquilo que é esquecido pode ser facilmente repetido. Se cair no esquecimento, ninguém lembrará que seis milhões de judeus e incontáveis comunistas, gays, pessoas com deficiências, ciganos e outros – considerados de menor valor humano – algum dia existiram. (FRIED, 2020, p. 131).

Podemos atribuir uma responsabilidade ao jornalismo para que ele faça parte do trabalho de manutenção da memória, a fim de evitar o esquecimento do Holocausto? Em qual contexto se encaixa o jornalismo após 77 anos do fim da guerra? Em termos históricos, esses acontecimentos são recentes, afinal, como afirma Bauman (1998), o Holocausto aconteceu na nossa sociedade moderna e civilizada.

Como o trabalho de resgate da memória do judeus assassinados na guerra se associa ao jornalismo? Os jornalistas dependem da memória das fontes e das testemunhas para fazer seu trabalho e, por isso, o jornalismo é uma parte central da memória coletiva (BARBOSA; GERK, 2018).

Além disso, o resgate da memória do Holocausto representa a manutenção do passado que é indispensável para a construção do futuro (OLIVEIRA, 2016). Barbosa e Gerk (2018), seguem a mesma linha de pensamento quando afirmam que estudar a memória no jornalismo é um projeto do futuro.

Se não fosse pela ação humana, ou seja, a busca da memória pelos jornalistas e historiadores, muitas das marcas ou registros do passado poderiam ter sido apagadas (BARBOSA, 2009). Nesse sentido, o trabalho do jornalismo em relação ao Holocausto é importante quando se reflete sobre a atualidade da memória na sociedade contemporânea.

Em 2020, uma pesquisa encomendada pela *Conference on Jewish Material Claims Against Germany (Claims Conference)*⁷, mostrou que 2/3 dos jovens norte-americanos não sabiam que seis milhões de judeus morreram no Holocausto. De acordo com a pesquisa⁸, para 31% dos adultos e 41% dos jovens entrevistados, menos de dois milhões de judeus pereceram.

⁷ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/sep/16/holocaust-us-adults-study>> Acesso em: 31 out, 2022.

⁸ Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/nos-eua-66-da-geracao-millennial-desconhece-o-holocausto-afirma-estudo.phtml>> Acesso em: 21 dez, 2022.

Quase 23% dos entrevistados afirmaram que não tinham certeza que o Holocausto realmente aconteceu. Para alguns, o genocídio dos judeus foi um mito ou um acontecimento exagerado.

Na mesma pesquisa, foi constatado que um a cada dez entrevistados acreditava que os judeus causaram o Holocausto e que 12% das pessoas que participaram da entrevista nunca tinham escutado sobre o assunto.

No Brasil, tivemos manifestações neonazistas em 2022. Durante um podcast, um dos apresentadores defendeu a criação de um partido nazista no Brasil, alegando o direito à "liberdade de expressão". Em menos de um mês, durante um programa de TV da Jovem Pan, um comentarista reproduziu a saudação "*Heil, Hitler!*" que era usada entre membros nazistas. Esses dois episódios aconteceram ao vivo em rede nacional.

No mesmo ano, um aluno de uma escola particular em Brasília usou o projetor da sala de aula para mostrar a bandeira nazista. Ele ainda repetiu a mesma saudação que o comentarista da Jovem Pan reproduziu meses antes⁹.

Esses episódios contribuem com a pesquisa feita pela antropóloga Adriana Dias que mostrou a existência de pelo menos 530 núcleos extremistas só no Brasil, algo em torno de 10 mil pessoas. Isso representa um crescimento de 270,6% de janeiro de 2019 a maio de 2021.¹⁰

Os dados do Observatório Judaico dos Direitos Humanos no Brasil (OJDHB) mostram que no ano de 2021 houve um aumento de 133% nos casos de manifestações neonazistas. Para o levantamento, os eventos de caráter neonazista incluem referências a Hitler, ao Holocausto e o uso de símbolos como a suástica¹¹.

É nesse contexto que o jornalismo pode usar de estratégias para a conservação (e repetição) da memória do Holocausto. Se o jornalismo é uma parte central da memória coletiva, como afirmam Barbosa e Gerk (2018), podemos atribuir também a ele a responsabilidade de preservar os testemunhos e a memória, afinal, agir como se o

⁹ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/04/01/aluno-de-escola-particular-de-brasilia-e-suspens-o-apos-fazer-apologia-ao-nazismo-em-sala-de-aula.ghtml>> Acesso em: 31 out, 2022.

¹⁰ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghtml>> Acesso em: 9 nov, 2022.

¹¹ Disponível em:

<<https://www.poder360.com.br/brasil/casos-de-neonazismo-no-brasil-aumentam-133-em-2021/>> Acesso em: 31 out, 2022.

Holocausto nunca tivesse acontecido significa concretizar o objetivo nazista após 77 anos do fim guerra.

Nesse sentido, a produção jornalística representa a sobrevivência da memória principalmente entre os jovens:

A geração que se expressa aqui, com efeito, conhece o Holocausto apenas superficialmente, ainda que a narrativa tenha circulado em sua família. Ela só conhece, verdadeiramente, o acontecimento a partir da cultura popular, hollywoodiana, hipermediatizada. Na maior parte do tempo, a transmissão tem falhado. (ROBIN, 2016, p. 310).

Se a transmissão tem falhado, como afirma Robin (2016), é necessário rever como a memória está sendo trabalhada e estudada hoje. Os sobreviventes do Holocausto expressam essa preocupação quando falam que o testemunho é para os jovens, para o futuro: "As novas gerações precisam ser lembradas constantemente de antigos crimes [...] a forma como isso é passado é muito importante" (FRIED, 2020, p. 190).

O jornalismo como formador de opinião e pensamento crítico é fundamental para o exercício da tolerância e do respeito. Nesse sentido, pode-se buscar o trabalho conjunto entre os jornalistas e os sobreviventes para que as histórias possam ser contadas e sem influência "hollywoodiana", como afirma Robin (2016), já que de acordo com Barbosa e Gerk (2018), os jornalistas dependem da memória das fontes e das testemunhas.

É necessário dar voz aos sobreviventes do Holocausto enquanto eles ainda estão vivos, afinal, como diz Guterman (2020), ninguém pode falar pelas vítimas, a não ser elas mesmas, porque esse testemunho é único e intransferível. Aqui, o jornalismo trava uma corrida contra o tempo, enquanto ainda há tempo.

3.1. Jornalismo e memória

O fenômeno da passagem do tempo é alarmante: as testemunhas, aquelas que sobreviveram aos horrores dos campos de concentração, estão desaparecendo: "Temos muito pouco tempo, visto que o bebê nascido em julho de 1944 tem agora 65 anos; quem foi uma testemunha adulta do Holocausto terá mais de 80 anos agora" (GRUNWALD-SPIER, 2010, p.16).

É nesse desaparecimento que a memória abre espaço para a história, ou seja, um novo tempo de memória (ROBIN, 2016). Para Barbosa (2016), "enquanto a memória diz respeito ao nível declaratório do testemunho, a história relaciona-se ao nível documental que atesta a verdade presumida como incontestável."

As produções narrativas originadas do testemunho desempenham uma função importante no jornalismo ao representarem o lugar do "eu estava lá" (BARBOSA, 2016). Se o trabalho jornalístico não cumpre o papel de dar voz ao verdadeiro e único testemunho (Guterman, 2020), então a sociedade está condenada a concretizar o objetivo nazista de eliminar completamente os judeus, afinal, como afirma Barbosa (2021), o fato da desconfiança da memória revela um esquecimento, ou seja, o "apagamento de rastros" que ligava o testemunho à memória comunicativa.

O papel que o jornalismo exerce ao se apresentar como um dos responsáveis por carregar a memória do Holocausto é como uma prova de revezamento, em que o bastão, no caso, a memória e o tesmunho, é passado a cada geração (ROBIN, 2016).

Ao fixar a memória em testemunhos documentos, o jornalismo também reafirma o seu capital simbólico (BOURDIEU, 1989), constituindo-se como uma espécie de guardião do passado e das memórias que abrem brechas na sua direção.

Nos primeiros anos após o fim da guerra, as testemunhas dependiam mais delas para escrever e falar sobre seus traumas. Neste momento, passados 77 anos, os sobreviventes contam com o trabalho jornalístico não só para difundir o relato, mas para deixar uma marca na história.

Como afirma Robin (2016), o medo de ver as testemunhas desaparecerem tornou essa tarefa urgente.

No futuro, continuar-se-á a representar Auschwitz, interrogando, colocando em texto, em arte, em discurso, figurando o infigurável. Disso resultarão tanto o *kitsch*, o cinema tradicional, quanto formas inovadoras. Mas, com certeza, será outra coisa. Kertész constata, assim, a passagem da testemunha, em todos os sentidos do termo: a passagem, o fim dos que testemunham, mas também o bastão que passam os corredores de revezamento. (ROBIN, 2016, p. 238).

Para Yossi Shelley, Embaixador de Israel no Brasil, "a cada ano, o número de judeus sobreviventes diminui, é nossa responsabilidade não deixar que suas vozes sejam

silenciadas e o testemunho de quem viveu o horror seja esquecido¹²." O jornalismo se torna ainda mais importante quando estudamos alguns casos de negação à realidade do Holocausto e, até mesmo, de apropriação inadequada do testemunho dos verdadeiros sobreviventes.

Em um livro publicado em 1998, o autor intitulado Binjamin Wilkomirski conta sua história de sua vida nos campos de concentração nazistas na Segunda Guerra Mundial. A narração confere sofrimento à suposta vítima ao abordar a perda dos pais e a ida a um orfanato após 1945. No entanto, em 1996, um jornalista suíço filho de sobreviventes do Holocausto decidiu investigar a história em questão. Ele descobriu que a narrativa não passava de uma invenção e que até a identidade do autor foi imaginada: seu nome verdadeiro era Bruno Dössekker e ele nunca esteve em um campo de concentração como prisioneiro.

Em 2005, um falso sobrevivente do Holocausto foi desmascarado após passar 27 anos se apresentando como um ex-prisioneiro do campo de concentração alemão de Flossenbürg. Escreveu livros narrando seus traumas imaginários, discursou no parlamento espanhol e até deu palestras para estudantes.

Se não fosse pelo trabalho de jornalistas e historiadores, esses impostores ainda estariam enganando as pessoas que se dedicam a ler e a estudar sobre o tema e, mais ainda, continuariam a se apropriar do lugar de fala das verdadeiras testemunhas.

Com esses exemplos e pela construção de ideias abordadas, podemos dizer que o jornalismo operacionaliza determinados trabalhos de memória importantes para a manutenção e descrição de fatos históricos imperdoáveis que, como tal, para serem incontornáveis precisam ser lembrados e denunciados permanentemente.

Por meio da investigação jornalística se pode descobrir farsas e trazer os testemunhos para o mundo da escrita, ou seja, deixar aflorar as lembranças e impedir os esquecimentos, sobretudo, os que são comandados.

Grandes obras já foram produzidas pelos próprios sobreviventes, como os livros de Primo Levi, Elie Wiesel, Eva Schloss, Nanette Blitz Konig, Aleksander Henryk Laks, Hédi Fried e Olga Lengyel, todos sobreviventes do Holocausto que decidiram escrever seu testemunho. Por outro lado, em termos de jornalismo audiovisual, há alguns documentários

¹² Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/01/negar-o-holocausto-e-violentar-mais-uma-vez-os-sobreviventes.shtml>> Acesso em: 8 nov, 2022.

produzidos por grandes nomes da indústria de *video on demand* que também se baseiam em testemunhos.

Todas essas formas de representação têm um objetivo comum, que é conservar as testemunhas e a memória do Holocausto não só para o presente, mas principalmente para o futuro: "Considerando a destruição da memória promovida pelos nazistas, em que nem mesmo cadáveres restaram para serem honrados, o papel da cultura de massa na formação da memória do Holocausto torna-se central, [...] ajudando a formar a memória coletiva" (GUTERMAN, 2020, p 165).

Há dois documentários que são dignos de destaque neste trabalho. O primeiro, "*The Last Days*", está disponível na *Netflix* e ganhou o Oscar de melhor documentário de longa metragem em 1998. O longa conta a história de judeus que sobreviveram ao Holocausto e os narradores das histórias são os próprios sobreviventes.

O segundo, "Nos campos do Holocausto", é uma produção brasileira e está disponível na *Amazon Prime*. O documentário é dividido em oito episódios e cada parte é dedicada a um sobrevivente, que conta sua própria história. O interessante dessa obra é que os oito sobreviventes moram no Brasil atualmente.

Os documentários e filmes, entre tantos materiais, guardam vestígios da passagem do tempo e dos gestos memoriais (ROBIN, 2016). Nesse caso, a narração do testemunho é um ato comunicacional, portanto, havendo também elementos jornalísticos presentes nessas ações. Assim como nos documentários mencionados, o ato de escrever, de narrar o próprio trauma, torna-o atividade comunicacional.

Além disso, como menciona Guterman (2020), é essa cultura comunicacional que é fundamental na construção e continuidade da memória do Holocausto. Portanto, nesse caso, o jornalismo está intrinsecamente ligado a essa memória.

Podemos dizer então que o jornalismo também operacionaliza a memória comunicativa, tal como conceitua, J. Assman (2016).

Também no nível social os símbolos externos tornam-se importantes, fazendo com que grupos reúnam e signifique "coisas que funcionam como lembranças" – sejam os museus, os arquivos, as bibliotecas e outras instituições mnemônicas, como os meios de comunicação. Enquanto a memória cultural requer instituições de preservação, a comunicativa seria corporizada na sequência de gerações. (ASSMANN apud BARBOSA, 2021¹³).

¹³ Disponível em: <<https://revistacm.memoriadaeletricidade.com.br/post?id=17>> Acesso em: 11 nov, 2022.

3.2. O trabalho do jornalismo no filme "A chave de Sarah"

Lançado em 2010, o longa francês "A chave de Sarah" narra a história de uma jornalista que começa a investigar o paradeiro da família judia Starzynski na época da ocupação nazista na França. O filme aborda dois tempos diferentes: 1942 e 2009. Disponível na Amazon Prime¹⁴, o longa é uma adaptação do livro de mesmo nome, publicado em 2006 pela autora Tatiana de Rosnay.

A jornalista Julia Jarmond é responsável por escrever uma matéria sobre o *Vel' d'Hiv*, nome de um velódromo em Paris que serviu para aprisionar judeus sob o comando da polícia francesa. Esse local foi utilizado para abrigar e, posteriormente, enviar os prisioneiros para campos de trânsito e extermínio. Cerca de 13 mil homens, mulheres e crianças judias foram aprisionadas e, em sua maioria, deportadas para Auschwitz¹⁵.

A vida de Julia como jornalista começa a se mesclar com a memória do Holocausto ao passo que a jornalista começa a investigar sobre os eventos da Segunda Guerra Mundial e, mais que isso, a pesquisar sobre o local que sua família escolheu para morar em Paris.

Durante a procura por informações sobre a matéria do *Vel' d'Hiv*, a jornalista esbarra na história dos Starzynski. Ao descobrir que a casa para onde estava se mudando pertencia à família judia anos antes, a jornalista decide procurar a fundo sobre o que pode ter acontecido com os Starzynski.

A história da personagem que dá nome ao filme volta à vida ao passo que o trabalho jornalístico de Julia Jarmond se desenvolve. Sarah Starzynski foi a única sobrevivente de sua família no Holocausto.

Os detalhes sobre a vida da família e o destino dos pais e do irmão de Sarah são desvendados pela investigação da jornalista por meio de fontes valiosas e documentos históricos. O filme ilustra a relação entre memória e jornalismo ao focar na relação entre esses dois eixos de estudos.

¹⁴ Disponível em:

<https://www.primevideo.com/detail/0GZ469NYR6G6HK2ACV1BLSL224/ref=atv_dp_share_cu_r> Acesso em: 29 nov, 2022.

¹⁵ Disponível em:

<<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/the-velodrome-dhiver-vel-dhiv-roundup>> Acesso em: 29 nov, 2022.

Além disso, o trabalho jornalístico nesse caso foi fundamental para a elucidação dos fatos e a descoberta da verdade. Por se tratar de traumas profundos, Sarah Starzynski preferiu não contar sobre os anos durante a guerra.

Quando seu filho William é confrontado pela jornalista sobre a vida de Sarah, a verdade vem à tona: ele descobre que sua mãe, na verdade, era judia e perdeu a família no Holocausto. Para o filho, Sarah nunca morou em Paris, não tinha irmãos e não era judia. A questão de descobrir a verdade sobre sua mãe ajudou o filho a compreender e conhecer a realidade sobre si mesmo.

Além dos pontos jornalísticos presentes no filme, há também alguns aspectos sobre a memória. O longa faz uma abordagem no que diz respeito à continuação da memória do Holocausto no futuro. Nesse sentido, "A chave de Sarah" entra em harmonia com o que propõe Robin (2016) sobre a passagem da memória do Holocausto adiante como uma prova de rezevamento: de Sarah para o filho; da sobrevivente para as próximas gerações.

De uma forma geral, o longa francês aborda diversas questões importantes que contemplam o eixo do jornalismo, memória e história. Além de reforçar a importância do trabalho jornalístico como forma de conhecer a verdade, o filme reafirma o papel do jornalismo como principal responsável por contar a história e preservar a memória do Holocausto.

4. O HOLOCAUSTO NAS MÍDIAS DIGITAIS

A forma de produzir conteúdo nas mídias digitais é uma maneira de assegurar o futuro das informações? No caso do Holocausto, acreditamos que a construção no mundo digital é ainda mais importante dentro de uma sociedade que nega o genocídio dos judeus e expressa características neonazistas. É importante que o jornalismo cumpra seu papel como responsável pela divulgação e elucidação dos fatos, a fim de que o passado histórico não seja colocado sob o manto da dúvida.

É válido lembrar que o Holocausto não deveria deixar marcas na história e que o objetivo dos nazistas era eliminar completamente a comunidade judaica do mundo. Portanto, além de honrar os sobreviventes e os mortos, a questão de dar continuidade à memória do Holocausto também significa reconhecer todas as pessoas que arriscaram suas próprias vidas para salvar os judeus.

A questão de honrar a memória do Holocausto é pertinente aos sobreviventes, que se apropriaram também das mídias digitais para contar seus próprios relatos por meio das redes sociais. Além deles, as entidades responsáveis por conservar essa memória também migraram para o mundo digital, como os casos de alguns museus e memoriais ao redor do mundo.

A sobrevivência da memória do Holocausto para as próximas gerações, portanto, depende de como essa memória vai ser articulada no mundo digital. Para isso, é necessário vencer os obstáculos da tecnologia, alcançar os jovens, criar novas estratégias culturais e digitais e colocar as provas disponíveis ao público.

De acordo com Barbosa (2021), a perda do espaço da história no que diz respeito à construção de uma memória, principalmente frente às tecnologias comunicacionais, faz com que os meios de comunicação se tornem a via principal que é responsável por realizar o trabalho de representação social. Sendo assim, a mídia assume o papel de lugar de memória do mundo contemporâneo.

4.1 O negacionismo como um novo desafio

A memória do Holocausto começou a ser estudada logo após o fim da guerra. Alguns teóricos, como Régine Robin, afirmam que uma memória nunca foi tão analisada, celebrada e protegida. No entanto, nunca uma memória foi tão atacada e desacreditada

quanto a dos sobreviventes do Holocausto. Isso se dá principalmente pelo crescente negacionismo, que tenta transformar o genocídio em algo banal, mas sobretudo procura eliminá-lo completamente como um fato; como se o Holocausto nunca tivesse acontecido.

Os sobreviventes, as testemunhas únicas e intransferíveis do Holocausto, tiveram três grandes desafios desde 1945. O primeiro foi enfrentar a própria máquina nazista que, como já visto, buscava extinguir os judeus da Terra. Algumas provas, como as câmaras de gás, documentos escritos e, por último, a própria comunidade judaica, deveriam ser totalmente eliminadas para que não houvesse vestígio do crime. Logo, não haveria memória.

O segundo desafio foi a força para testemunhar. Depois de passar pelos horrores dos campos de concentração e, em alguns casos, perder a família inteira, os sobreviventes buscaram essa força para deixar a sua marca na história por meio dos seus relatos. Narrar o trauma, tendo passado por situações inimagináveis, significava reviver o pesadelo que enfrentaram durante a guerra.

A terceira dificuldade é o negacionismo, que insiste em falsificar o Holocausto e humilhar as testemunhas desse crime, como se seus relatos fossem mentirosos ou exagerados. Em 1976, um professor de engenharia da Northwestern University, nos Estados Unidos, publicou um livro que dizia abertamente que nunca houve extermínio em Auschwitz. Na verdade, segundo ele, o campo servia para trabalho e o gás usado para matar os prisioneiros nas câmaras de gás era, na realidade, um simples desinfetante para roupas.

Para Maurice Bardèche, negacionista francês e entusiasta do neo-fascismo, foram os próprios judeus que organizaram o Holocausto e que, na verdade, de acordo com ele, houve um erro de tradução nos documentos incriminatórios encontrados após o fim da guerra: a palavra "saneamento" foi confundida com "extermínio." Para ele, apenas piolhos eram exterminados em Auschwitz. "As câmaras de gás nunca existiram e Hitler nunca deu uma ordem formal de extermínio. Trata-se de uma mentira forjada em proveito do Estado de Israel para um complô sionista do qual o povo alemão é a vítima" (FAURISSON apud ROBIN, 2016, p. 219).

No Brasil, a ideologia negacionista pode ser representada por Siegfried Ellwanger Castan, um escritor gaúcho que foi condenado por produzir artigos racistas e antisemitas. Ele defendia que as câmaras de gás nunca existiram e que foram os judeus que declararam guerra à Alemanha. Em 1987, ele chegou a publicar um livro que se baseava em negar

completamente o Holocausto. A editora que pertencia a ele também lançou diversas obras que tinham caráter negacionista e antissemita.

Ernst Zündel, um editor alemão reconhecido publicamente por dar forças ao negacionismo do Holocausto, foi condenado pela lei antinegacionismo da Europa após publicar uma série de livros antissemitas que tinham como objetivo falsificar o genocídio dos judeus. Ele, inclusive, tentou boicotar o filme "A Lista de Schindler" ao afirmar que a obra estimulava o preconceito contra os alemães.

Insulto à memória dos mortos, ferida infligida aos sobreviventes, os negacionistas destilam um discurso de ódio dissimulado atrás de uma argumentação que consiste em fazer acreditar que suas teses são matéria de debate, que podemos indagar de maneira válida sobre a existência dos campos de concentração, das câmaras de gás, que o que eles apresentam é uma tese dentre outras, e que sua liberdade de expressão está sendo restringida, ao não aceitarmos o debate proposto por eles. É muito difícil saber como parar essa onda mundial e por quais meios fazê-lo. (ROBIN, 2016, p. 221).

Os negacionistas estão engajados em reabilitar o nazismo, o fascismo e o racismo, sob a proteção da busca da "verdade" e pela busca da liberdade de expressão (GUTERMAN, 2020). Além de lutar contra a memória, tenta manipular a verdade ao fazer uma leitura desonesta de textos e ao recortar falas fora de contexto para que as palavras se encaixem no seu discurso a qualquer preço.

Algumas leis conseguiram silenciar os negacionistas na esfera pública, mas eles encontraram outras formas de continuar alterando a verdade, nos meios em que a punição parece não existir: a internet.

Essas pessoas se intitulam como "revisionistas" para justificar, na verdade, que o que fazem é apenas uma revisão da história oficial; uma outra perspectiva da verdade. Para eles, o importante é "resgatar a verdadeira história" que estaria deturpada pela história oficial e expor os verdadeiros culpados pela Segunda Guerra Mundial: "Proclamam-se integrantes de um movimento autodenominado Revisionismo do Holocausto, mas os historiadores chamam este movimento de Negacionismo do Holocausto" (CASTRO, 2014, p. 6).

Em um artigo publicado na Folha de São Paulo, Yossi Shelley, Embaixador de Israel no Brasil, afirma que "negar o Holocausto, além de ser uma tentativa imoral de apagamento e distorção dos fatos, é também uma forma de violentar mais uma vez os

sobreviventes. É inaceitável e deve ser firmemente combatido¹⁶." A banalização do Holocausto é mais do que uma ofensa aos judeus, mas também aos mortos e aos que arriscaram a vida para tentar salvá-los (GUTERMAN, 2020).

4.2. Memória do Holocausto no século XXI

O *boom* da internet, a partir de 1990, promoveu o crescimento do discurso negacionista. Antes limitados por produtos impressos, pouca visibilidade e alcance, os negacionistas encontraram na internet uma forma de alcançar novos públicos com a ajuda de blogs, sites, redes sociais, aplicativos e e-mail. Além de ficarem ocultos à justiça, não há custos para chegar aos seus públicos, uma vez que tudo é feito de forma virtual (CARVALHO, 2016).

[...] Surge uma nova forma de divulgação de informações que revolucionou a forma como as pessoas se relacionam entre si, a *World Wide Web*, mais conhecida como Internet e, principalmente para o que nos interessa aqui, uma nova forma de ativismo público, o ciberativismo. A "rede mundial de computadores" permite que essa nova extrema-direita fascista amplifique sua voz e se torne visível aos mais jovens [...]. (CASTRO, 2014, p. 8-9).

Para Castro (2014), atualmente as ideias negacionistas são disseminadas principalmente por meio da internet. Segundo Carvalho (2016), esse material está acessível de forma muito prática, diferente do que acontecia até os anos 1990. Hoje, basta ter acesso a um computador ou celular para se conectar com o mundo. No Brasil, o crescente número de células neonazistas vem das redes sociais, por meio de grupos privados que compartilham vídeos, fotos e mensagens de tons extremistas¹⁷.

Um relatório sobre distorções e negacionismo do Holocausto nas redes sociais mostrou que 49% das publicações da plataforma *Telegram*, que funciona como um *WhatsApp* com menos vigilância, nega ou distorce fatos. A pesquisa foi publicada pela

¹⁶ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/01/negar-o-holocausto-e-violentar-mais-uma-vez-os-sobreviventes.shtml>> Acesso em: 8 nov, 2022.

¹⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghtml>> Acesso em: 9 nov, 2022.

Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), juntamente com as Nações Unidas (ONU) e com o Congresso Judaico Mundial (WJC)¹⁸.

É preciso lembrar que o extermínio dos judeus não deveria deixar nenhum rastro da comunidade judaica, seja o registro civil, a língua e a cultura das populações aniquiladas (ROBIN, 2016). Por isso, nenhum esforço é excessivo para impedir que a memória do Holocausto seja apagada ou falsificada pelos negacionistas (GUTERMAN, 2020).

É por esse motivo que a memória do Holocausto é um dos – se não, o principal – temas mais analisados, celebrados, discutidos, protegidos e estudados (CASTRO, 2014; ROBIN, 2016). É nesse contexto que os museus e os memoriais desempenham papel importante ao preservar a memória do Holocausto para o presente e o futuro.

São exemplos a Casa de Anne Frank, em Amsterdã, o Museu do Holocausto, em Curitiba, o Memorial do Holocausto, em São Paulo e em Berlim e, principalmente, o campos de concentração nazistas, entre eles Auschwitz, Sachsenhausen, Dachau e Ravensbrück.

É preciso dar provas de tudo, neutralizar os negacionistas em seu próprio terreno, pôr em evidência os testemunhos dos sobreviventes, evidenciar também os objetivos pedagógicos de qualquer documento sobre a *Shoah*, multiplicar as manifestações, as comemorações, as leis, as proibições, os julgamentos, provar tudo contra a mentira, atestar o real do passado contra a ficção. (ROBIN, 2016, p. 221).

Se o *boom* da internet proporcionou a propagação da corrente negacionista pelo mundo, por outro lado ele também estimulou que novas formas de memória surgissem no plano virtual. Para Castro (2016), esses novos produtos são formas importantes de produção cultural, já que tendem a disseminar o real conhecimento principalmente entre os jovens e, além disso, barrar a propagação das mentiras dos negacionistas, uma vez que a internet se tornou a principal ferramenta de pesquisa.

É nesse sentido que as novas formas de comunicação surgem como ferramenta de registro histórico do Holocausto. Robin (2016) afirma que a transmissão da memória do Holocausto para as novas gerações não está sendo eficiente.

Nesse caso, é necessário que "coisas funcionem como lembranças", como diz Barbosa (2021): "[...] sejam os museus, os arquivos, as bibliotecas e outras instituições

¹⁸ Disponível em:

<<https://brasil.un.org/pt-br/190784-49-das-publicacoes-sobre-holocausto-no-telegram-nega-ou-distorce-fatos>
> Acesso em: 9 nov, 2022.

mnemônicas, como os meios de comunicação." Mostrar a realidade do Holocausto "é particularmente importante agora, quando o Holocausto está sendo constantemente negado e sua extensão continuamente banalizada (GRUNWALD-SPIER, 2010, p. 23)."

Nesse cenário, as novas plataformas digitais desempenham papel fundamental na conservação da memória do Holocausto para as novas gerações, principalmente àquelas que estão mais suscetíveis às fake news na internet e às que veem o Holocausto como um acontecimento histórico distante. As redes sociais são capazes de atingir mais pessoas no que diz respeito à quantidade e rapidez.

Além dos lugares convencionais de preservação da memória, nesse caso, os museus e memoriais, há diversos novos meios no mundo virtual. Os museus, antes apenas no formato físico, agora também podem ser acessados por meio de sites. É o caso do Memorial e do Museu do Holocausto, ambos no Brasil, que disponibilizam imagens, histórias e curiosidades em suas páginas na *web*.

Há duas páginas na internet que são importantes para o estudo da presença da memória do Holocausto no mundo digital: o Yad Vashem e a Enciclopédia do Holocausto.

O Yad Vashem¹⁹, localizado em Jerusalém, é o principal memorial oficial de Israel que homenageia as vítimas do Holocausto. O Yad Vashem, também conhecido como o Centro Mundial de Memória do Holocausto, é centro de estudos, pesquisas e educação. O complexo do Yad Vashem recebe um milhão de visitantes por ano em Jerusalém. O site, que está disponível em oito idiomas, também recebe visitas que chegam à casa dos milhões.

Na página *web* do Yad Vashem há uma imensa fonte de informações e pesquisas sobre as vítimas e os sobreviventes do Holocausto. Há listas de nomes, documentos e fotografias dos anos pré e pós 1945. A parte de pesquisa é rica em dados, algo que incentiva e contribui com a pesquisa jornalística.

A Enciclopédia do Holocausto²⁰ é uma página dentro do site do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. É rica em dados históricos. É como se fosse realmente um dicionário do Holocausto. Pode-se pesquisar por termos específicos ou sobre algum assunto em geral. Além da pesquisa, também há uma parte dedicada às matérias jornalísticas que explicam os acontecimentos da época.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.yadvashem.org/>> Acesso em: 9 nov, 2022.

²⁰ Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/pt-br>> Acesso em: 9 nov, 2022.

A Enciclopédia possibilita conhecimento abrangente sobre os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e, principalmente, do Holocausto. Em 2021, a página *web* recebeu mais de 21 milhões de visitantes²¹.

A presença de entidades que representam a preservação da memória do Holocausto nas mídias digitais é importante para a sociedade contemporânea. É válido analisar que essas instituições acompanharam o desenvolvimento da tecnologia e não deixaram que o Holocausto se tornasse algo obsoleto que ficou preso no tempo como um assunto do passado. É essa adaptação às tecnologias que possibilita que o jornalismo nas mídias digitais atue como ferramenta de registro histórico, mantendo viva a memória do Holocausto para as próximas gerações.

4.3. As redes sociais como ferramentas de registro histórico

Como o Holocausto poderia se tornar uma "memória corporal" para todos aqueles que não o conheceram? É preciso encontrar estratégias culturais para criar memórias vivas, inclusive para aqueles que estão distantes do Holocausto pelo tempo. (ROBIN, 2016, p. 351).

A migração do espaço físico para o mundo virtual é a estratégia cultural para criar memórias vivas, principalmente para os jovens que estão distantes do Holocausto pelo tempo, como mencionado por Robin (2016). A preocupação dos próprios sobreviventes, como visto, reflete no mundo contemporâneo em que a memória do Holocausto é constantemente ameaçada pelo esquecimento e pelo negacionismo.

Como forma de alcançar os jovens e criar presença no espaço digital, que concentra a maioria da audiência²², as novas estratégias se baseiam na transferência de elementos físicos para o mundo virtual. Agora, as pessoas não precisam mais sair de suas casas para conhecer museus e memoriais: elas podem acessar e conhecer os lugares através de computadores e celulares.

Como já nos referimos anteriormente, há dois sites importantes que existem no espaço físico e virtual, o Yad Vashem, em Jerusalém, e o Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, em Washington, D.C. No Brasil, o Memorial e o Museu do Holocausto, em São Paulo e em Curitiba, respectivamente, disponibilizam imagens, histórias e curiosidades em suas páginas na *web*.

²¹ Disponível em: <<https://www.ushmm.org/information/about-the-museum>> Acesso em: 16 nov, 2022.

²² Disponível em: <<https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2021/individuos/C3/>> Acesso em: 11 nov, 2022.

Além disso, as duas instituições também criaram perfis nas redes sociais, como no Instagram, plataforma em que os perfis são muito ativos. O Memorial do Holocausto conta com 26 mil seguidores, enquanto o Museu do Holocausto reúne mais de 40 mil pessoas. É interessante analisar a presença dessas entidades nas redes sociais que funciona como uma espécie representação contemporânea do que foi o Holocausto.

Outra representação que também está disponível na redes sociais é o antigo campo de concentração nazista Auschwitz, localizado na Polônia. A página do Museu e Memorial de Auschwitz tem mais de 144 mil seguidores no *Instagram*. As postagens com fotos e vídeos mostram os detalhes do interior do campo. O perfil do museu funciona como uma visita virtual, pois é possível conhecer o campo sem ter ido presencialmente ao local.

As redes sociais, nesse caso, funcionam como "*delivery*" de memórias, levando as experiências ao mundo virtual e alcançando aqueles que, talvez, não teriam a oportunidade de conhecer fisicamente esses lugares históricos. Apesar dos contratemplos que surgiram com a internet, este talvez seja o seu principal ponto positivo: levar conhecimento ao público por meio de um clique e marcar presença no mundo digital ao manter viva a memória do Holocausto.

Uma página do Instagram com o nome de *@eva.stories*²³ realiza um importante trabalho nas redes sociais no que diz respeito também à memória do Holocausto. O perfil, que chegou a mais de um milhão de seguidores, simula a vida de uma menina judia como se as redes sociais existissem durante o período da Segunda Guerra Mundial. Além de publicar fotos e vídeos, os destaques do perfil formam uma série com episódios do dia 13 de fevereiro até o mês de junho. As publicações, feitas em primeira pessoa, demonstram como seria se Eva tivesse *Instagram* em 1944.

Além da presença em *sites* e no *Instagram*, o *TikTok* parece ser a rede social escolhida pelos sobreviventes. Há três perfis que valem a pena conhecer e acompanhar: *@thetrueadventures*²⁴, *@lilyebert*²⁵ e *@miriamezagui*²⁶.

O perfil *@thetrueadventures* é administrado por Gidon Lev, um sobrevivente do Holocausto de 87 anos. A página tem 407 mil seguidores e 7,5 milhão de curtidas. O conteúdo é em inglês e por vezes sua companheira também aparece nos vídeos. Gidon comenta sobre o Holocausto de forma descontraída, usando músicas populares na rede

²³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/eva.stories/>> Acesso em: 11 nov, 2022.

²⁴ Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@thetrueadventures>> Acesso em: 11 nov, 2022.

²⁵ Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@lilyebert>> Acesso em: 11 nov, 2022.

²⁶ Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@miriamezagui>> Acesso em: 12 nov, 2022.

social para falar sobre o assunto. Ele também responde muitas perguntas de telespectadores que chegam em seu perfil. Em uma postagem, Gidon Lev diz que irá testemunhar enquanto estiver vivo frente os antissemitas e negacionistas do Holocausto.

A conta de *@lilyebert* pertence à sobrevivente do Holocausto Lily Ebert, de 98 anos, e seu bisneto Dov Forman. O conteúdo é em inglês e mescla os depoimentos de Lily e vídeos com o bisneto. O perfil da sobrevivente tem mais de 32 milhões de curtidas e 1,9 milhão de seguidores. Ela também se dedica a responder inúmeras perguntas que chegam em sua página, a maioria sobre o tempo que passou em Auschwitz.

A página *@miriamezagui* é da neta de Lilly Malnik, uma sobrevivente do Holocausto de 94 anos. Com 12,5 milhões de curtidas e 414,9 mil seguidores, o perfil é administrado pela neta, que conta algumas curiosidades sobre a comunidade judaica e compartilha as perguntas dos seguidores com a avó. Para isso, é Lilly que aparece no vídeo tirando todas as dúvidas que são relacionadas ao Holocausto. Assim como Lily Ebert, Lilly Malnik também foi prisioneira em Auschwitz.

O trabalho do jornalismo reconfigurado em novos formatos nas plataformas digitais, como contador de histórias e porta-voz da de um passado construído como o verdadeiro passado, pode ser ainda mais valorizado quanto se tem o testemunho contado diretamente pelo próprio sobrevivente. Esses casos reforçam a importância de o jornalista utilizar as possibilidades das mídias digitais como forma de registro e manutenção da memória do Holocausto.

A geração dos sobreviventes que ainda está viva pode deixar um legado ainda maior do que a própria sobrevivência: o relato marcado nas redes sociais para as próximas gerações que podem não vê-los com vida, mas terão a herança do seu testemunho.

5. MUSEU MEMORIAL DO HOLOCAUSTO DOS ESTADOS UNIDOS NO YOUTUBE: UMA NARRATIVA MEMORIAL

"Um memorial vivo do Holocausto." É assim que o museu se autodenomina em sua página *web*. Inaugurado em 1993, o Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos já recebeu mais de 47 milhões de visitantes, incluindo 100 chefes de Estado e mais de 11 milhões de estudantes²⁷.

Além de servir como museu, a entidade norte-americana também patrocina exposições locais e internacionais e educação de professores e estudantes.

O museu está presente, digitalmente, nas seguintes redes sociais: *Twitter*, *Instagram*, *Youtube*, *LinkedIn* e *Facebook*.

No Youtube, plataforma digital dedicada ao compartilhamento de vídeos, o museu abriu sua página no dia 17 de agosto de 2006. Até o momento, o canal conta com mais de 87 mil inscritos e tem 25.885.277 de visualizações em todos os seus vídeos²⁸.

É nessa plataforma de vídeos que o museu transmite a *First Person*, uma entrevista única, ao vivo e inédita com os sobreviventes do Holocausto.

5.1. *First Person*: a live do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos no Youtube

Uma entrevista ao vivo com um sobrevivente do Holocausto: esse é o *First Person*, o programa exclusivo do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. Essa iniciativa começou em 2000 e já está na 22ª edição.

As entrevistas aconteciam de forma presencial em um auditório do museu com vários ouvintes, mas por conta da pandemia de Covid-19, as entrevistas agora acontecem de forma remota por meio do canal do Youtube do museu.

A conversa é gravada e disponibilizada imediatamente no canal do museu, tornando-se acessível para aqueles que não puderam assisti-la simultaneamente.

A dinâmica permanece a mesma: o jornalista Bill Benson, que apresenta o *First Person* desde 2000, faz perguntas ao sobrevivente sobre a vida antes, durante e depois do

²⁷ Disponível em: <<https://www.ushmm.org/information/about-the-museum>> Acesso em: 21, nov, 2022.

²⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/@holocaustmuseum/about>> Acesso em: 21 nov, 2022.

Holocausto. A tela do vídeo é dividida em duas partes, uma para o apresentador e outra para o entrevistado, já que a entrevista acontece de forma remota.

A *live* tem, em média, uma hora de duração. É interessante compartilhar que os sobreviventes que participam do *First Person* são voluntários do museu. A conversa é toda em inglês e acontece uma vez por mês no canal do Youtube do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos.

No Youtube, o programa está disponível a partir do ano de 2016. Desde então, até o dia 16 de novembro de 2022, o *First Person* conta com 176 testemunhos registrados em vídeo e soma mais de 1,17 milhões de visualizações na plataforma digital. Desde a edição de 2016 até 2021, o programa quadruplicou de tamanho: saiu de uma média de 99 mil visualizações para 439 mil.

Até o momento, a média de audiência do ano de 2022 é de 260.600. Além de poder escutar o relato das testemunhas e vê-las de forma síncrona, bem na frente da tela do computador ou celular, as pessoas podem interagir com os sobreviventes por meio do *chat* de conversa em que é possível deixar perguntas e mensagens de carinho e agradecimento.

A *live First Person* do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos é a representação do trabalho do jornalismo como forma de preservar o Holocausto não só no mundo contemporâneo, mas no futuro.

A busca por novas estratégias culturais como objetivo de manter viva a memória do Holocausto (Robin, 2016) se encontrou na migração do testemunho para o espaço digital.

Como visto anteriormente, a média de visualizações *online* da *live* alcançou mais de 400 mil pessoas ao redor do mundo em 2021. É como se os sobreviventes tivessem falado para uma audiência igual a cinco estádios do Maracanã lotados.

Esse poder de alcançar uma multidão simultaneamente é uma ferramenta poderosa que deve continuar a ser explorada.

Para Diane Saltzman, diretora de relações e assuntos de sobreviventes do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, o programa *First Person* oferece uma oportunidade de ficar frente à frente com os eventos do Holocausto.

De acordo com ela, nada pode ser comparado ao poder de conhecer um sobrevivente pessoalmente. "Embora não possamos realizar eventos presenciais com eles

no momento, virtualmente os sobreviventes continuam a compartilhar suas histórias com pessoas, especialmente jovens, em todo o mundo”, concluiu a diretora²⁹.

5.2. Na voz dos sobreviventes: a entrevista *First Person*

Para ter uma visão mais real sobre o programa *First Person* do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos transmitido no *Youtube*, faremos uma análise de quatro entrevistas que aconteceram no intervalo entre 2021 e 2022.

A biografia dos sobreviventes entrevistados também está disponível no site do museu que, dessa forma, oferece mais uma possibilidade de conhecer a fundo aquele testemunho.

É interessante ressaltar que as quatro entrevistas analisadas contaram com uma pergunta específica de estudantes na faixa etária do ensino médio de escolas dos Estados Unidos. Percebe-se, nesse sentido, uma preocupação do museu em relação a incentivar a participação de jovens nas entrevistas com os sobreviventes do Holocausto.

A primeira entrevista analisada foi transmitida no dia 12 de maio de 2021 e foi a primeira do ano. A entrevistada foi Theodora Klayman, que nasceu em 31 de janeiro de 1938, na Iugoslávia.

Ela perdeu todos os parentes no Holocausto, incluindo os pais e o irmão. Apenas o tio sobreviveu. Após a guerra, foi para a Suíça estudar e conheceu Daniel Klayman, seu futuro marido. Os dois se casaram e foram morar em Washington D.C, nos Estados Unidos.

A *live* conta com mais de 26 mil visualizações³⁰, uma hora em média de duração e foi assistida por mexicanos, estadunidenses, ingleses e argentinos.

Ao longo da entrevista, conduzida pelo jornalista e apresentador Bill Benson, Theodora conta sobre sua vida antes e depois da guerra, e compartilha fotos de seus arquivos pessoais. Dentre os comentários feitos pelos telespectadores, muitos agradeceram à Theodora por compartilhar sua história.

²⁹ Disponível em:

<<https://www.ushmm.org/information/press/press-releases/2021-season-of-museums-first-person-conversations-with-holocaust-survivors>> Acesso em: 21 nov, 2022.

³⁰ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=UYB_s5NtBs0&list=PLWQC3P4psZP4bPVGfBe8Jw8AO6ep4NxqQ&index=19> Acesso em: 27 nov, 2022.

Uma ouvinte comentou que era um privilégio poder ouvir seus relatos, além de ver fotos de arquivos pessoais. Uma outra mensagem dizia estar honrada por escutar a história de Theodora, mencionando como ela teve que superar as dificuldades com apenas oito anos de idade.

O jornalista perguntou à Theodora qual era a sua motivação para continuar contando sua experiência no Holocausto. Ela, então, respondeu que muitas pessoas não queriam falar ou pensar sobre o que aconteceu e que, por este motivo, essa lembrança estava ficando para trás. Para Theodora, o crescimento do antissemitismo contribuiu para que ela decidisse contar sobre seu passado. Compaixão, tolerância, empatia e respeito são "absolutamente indispensáveis" para ela.

A sobrevivente completa a resposta dizendo que se as pessoas entendessem qual é o impacto da raiva nos seres humanos, elas pensariam sobre essas consequências. Dessa forma, de acordo com ela, podemos esperar que uma tragédia como Holocausto nunca mais aconteça³¹.

A segunda entrevista analisada foi a última de 2021, que aconteceu no dia 15 de dezembro. O sobrevivente entrevistado foi Nat Shaffir, que nasceu em 26 de dezembro de 1936, na Romênia.

Seu pai foi levado para um campo de trabalho forçado e, com apenas sete anos de idade, Nat ficou responsável por cuidar da casa e de sua mãe e irmã. O pai de Nat sobreviveu, mas por conta do contínuo antissemitismo no país de origem, a família decidiu se mudar para Israel em 1950. Nat se mudou para os Estados Unidos onze anos depois, onde se estabeleceu.

A entrevista tem mais de 65 mil visualizações³², 57 minutos de duração e foi vista por pessoas do Canadá, Inglaterra, Argentina, Holanda, Israel, México, Porto Rico, Bélgica e Brasil, além dos Estados Unidos.

Nat Shaffir compartilhou fotos de sua família e algumas imagens de documentos e utensílios pessoais. Os comentários, em sua maioria, sempre em tom de agradecimento.

Um ouvinte agradeceu a Nat por compartilhar a história de vida com as pessoas e afirmou que era uma honra ouvir o relato dos sobreviventes do Holocausto. Um outro

³¹ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=UYB_s5NtBs0&list=PLWQC3P4psZP4bPVGfBe8Jw8AO6ep4NxqQ&index=19> Acesso em: 27 nov, 2022.

³² Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=srGfU15aRr8&list=PLWQC3P4psZP4bPVGfBe8Jw8AO6ep4NxqQ&index=12>> Acesso em: 27 nov, 2022.

participante completou dizendo que sentia pelo o que aconteceu na vida de Nat, mas que era grato por seu avô ter lutado contra os nazistas.

O jornalista Bill Benson finaliza a entrevista perguntando o motivo de Nat continuar contando sua história. O sobrevivente encerra a participação dizendo que considera importante que todos escutem o testemunho do Holocausto em primeira mão, ou seja, de uma pessoa que estava lá.

Para ele, muitos sobreviventes não têm mais voz, ou porque morreram ou por conta dos traumas, já que várias pessoas perderam famílias inteiras durante o período nazista. Segundo Nat, agora é dever dos sobreviventes falar sobre o Holocausto e assegurar que suas vozes sejam escutadas por meio das histórias³³.

O terceiro relato analisado foi ao ar no dia 19 de janeiro de 2022 e abriu a temporada do ano. O testemunho foi de Steven Fenves, sobrevivente do Holocausto que nasceu em 6 de junho de 1931, na Iugoslávia.

A família Fenves tinha uma ótima qualidade de vida, mas tudo mudou com a chegada dos nazistas. Os pais, a avó e a irmã de Steven, incluindo ele, foram mandados para Auschwitz. Sua mãe e avó morreram no campo, mas ele e a irmã sobreviveram e, ao final da guerra, reencontraram o pai.

No entanto, tomado por uma tristeza profunda, o pai de Steven morreu meses depois. Os irmãos Fenves decidiram sair da Iugoslávia e se mudaram para Paris. Após três anos, foram para os Estados Unidos e se estabeleceram em Chicago.

A entrevista de Steven Fenves alcançou mais de 4 mil visualizações³⁴ e contou com participantes da Alemanha, Dinamarca, Canadá, Reino Unido, África do Sul, Índia e Estados Unidos.

Os comentários da audiência reforçaram a importância de ouvir um relato em primeira pessoa de um sobrevivente do Holocausto.

Uma participante, que se apresentou como professora do ensino fundamental, comentou que encorajava seus alunos a assistirem às entrevistas dos sobreviventes porque, de acordo com ela, é importante ouvir esses relatos em primeira mão. Em outra mensagem, um ouvinte agradeceu pela oportunidade de ouvir o relato e que o mundo deveria trabalhar para que nada parecido aconteça novamente.

³³ Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=srGfU15aRr8&list=PLWQC3P4psZP4bPVGfBe8Jw8AO6ep4NxqQ&index=12>> Acesso em: 27 nov, 2022.

³⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iThfpOQU1M>> Acesso em: 21 dez, 2022.

Quando perguntado sobre o motivo de continuar contando sua história de vida, mesmo frente ao crescente antissemitismo global, Steven Fenves completou que como sobrevivente, ele sente que tem a obrigação de falar por aqueles que não puderam. Por meio do seu testemunho, ele tenta mostrar que injustiças discriminações tornaram possível o genocídio.

Ele afirma que quando esses sentimentos são validados por entidades governamentais, por exemplo, algo como o Holocausto se torna possível. Steven expressa que tenta fazer o possível para que as pessoas percebam que são esses sentimentos que podem dar início a um genocídio³⁵.

A última entrevista analisada foi transmitida no dia 16 de novembro de 2022 e marca a penúltima live do *First Person* do ano. Arye Ephrath contou sua história de vida e como sobreviveu diante da perseguição nazista. Nascido no dia 7 de abril de 1942, Arye e seus pais tiveram que fugir de casa quando a Alemanha invadiu seu país de origem, a Eslováquia.

Para despistar os nazistas, os pais de Arye tiveram que se abrigar na casa de um padre local, enquanto o filho foi acolhido por outra família. Eles viveram dessa forma até 1945, quando a guerra acabou. Reunidos novamente, os Ephrath se mudaram para Israel e, tempos depois, Arye foi para os Estados Unidos, onde se formou como engenheiro.

Com uma hora de duração em média, a entrevista de Arye Ephrath³⁶ tem mais de 6,4 mil visualizações e foi assistida por italianos, argentinos, brasileiros, porto-riquenhos, croatas, dinamarqueses, holandeses e estadunidenses.

Uma ouvinte agradeceu a Arye por trazer suas histórias para o público, principalmente para as novas gerações que podem saber o que aconteceu. Entre os vários comentários de agradecimento, uma participante refletiu e disse que lembra desses testemunhos antes de pensar que a vida é difícil.

O apresentador e jornalista Bill Benson perguntou o que podemos aprender com seu testemunho. O sobrevivente Arye Ephrath, então, respondeu que se não conhecemos a história, estamos fadados a repeti-la³⁷.

Ele relembra sobre a Primeira Guerra Mundial e a terrível luta que tomou conta dos anos 1914 até 1918. Para Arye, a humanidade já deveria ter aprendido a não entrar em conflito nessa guerra.

³⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iThflpOQU1M>> Acesso em: 21 dez, 2022.

³⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RCHWYAe9PGY>> Acesso em: 21 dez, 2022.

³⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RCHWYAe9PGY>> Acesso em: 21 dez, 2022

No entanto, vinte anos depois, o mundo vivenciou mais uma guerra e, para Arye, uma luta pior ainda. Ele relembra as manifestações neonazistas que acontecem nos dias de hoje, dando como exemplo as pessoas marchando sob a bandeira da suástica. Nesse sentido, o sobrevivente Arye Ephrath expressa medo de que a raça humana repita o que aconteceu.

Apesar de demonstrar preocupação, Arye compartilha outra visão quando lembra daqueles que arriscaram e perderam a vida tentando salvar os judeus. Ele finaliza a entrevista afirmando que se sente com esperanças quando lembra que há várias pessoas seguindo o lema do museu: "o que você faz, importa".

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a produção deste trabalho, enquanto estava indo à faculdade para uma aula, passei por uma placa que continha a seguinte mensagem: "Quem salva uma vida, salva o mundo inteiro." Essa fala é de Oskar Schindler, homem que ajudou mais de mil judeus a escaparem da perseguição nazista durante o Holocausto. Quando li essa frase, ficou ainda mais claro que eu estava no caminho certo ao estudar sobre esse tema por meses.

O objetivo deste trabalho, de forma geral, é mostrar como o jornalismo pode e deve ser utilizado para preservar a memória do Holocausto. Mais que isso, busca-se provar que o jornalismo multimídia é o principal meio contemporâneo de difundir o conhecimento, a informação, a história e a verdade sobre o Holocausto. Por meio dessas ferramentas poderosas, que são as mídias digitais, o trabalho jornalístico encontra novas formas de exercer sua responsabilidade social.

Em primeiro lugar, foi necessário posicionar o leitor em um contexto geral sobre o que foi o Holocausto. Para compreender a importância de preservar essa memória, é fundamental que se entenda como aconteceu o processo de extermínio de todos os povos ditos inimigos pelos nazistas, principalmente os judeus. A partir do ponto que se torna claro que o objetivo era eliminar a comunidade judaica do mundo, por meio de uma série de etapas estruturadas, o leitor consegue compreender a necessidade de proteger essa memória do Holocausto e, em especial, a dos sobreviventes.

A segunda etapa do trabalho busca explicar de forma mais aprofundada a relação entre jornalismo, memória e testemunho. Quando falamos sobre o Holocausto, essa relação se intensifica ainda mais, uma vez que o jornalista depende das testemunhas para fazer o seu trabalho e, dessa forma, garantir a continuidade da memória para as gerações futuras.

Essa questão foi mais destacada ao passo que lembramos que muitos sobreviventes estão morrendo e, assim, silenciando sua própria história. Dessa forma, o trabalho jornalístico se apresenta como um meio de conservar esse testemunho ao dar voz àqueles que ainda podem falar.

O subcapítulo dedicado a falar sobre o filme "A chave de Sarah" foi pensado como uma maneira de materializar a discussão proposta no trabalho até este ponto. O longa aborda de forma muito precisa essa relação entre jornalismo e memória do Holocausto. Nesse caso, a menção do filme serve para complementar, de forma prática, o que está se apresentando de forma teórica.

Entramos no ponto principal do trabalho quando começamos a falar sobre o Holocausto nas mídias digitais. A partir dessa parte, focamos na relação entre o trabalho jornalístico nas novas plataformas digitais como forma de conservar a memória do Holocausto. O objetivo principal do capítulo quatro foi levantar a importância de construir o jornalismo na internet em meio às dificuldades que existem no ambiente virtual.

O primeiro ponto levantado foi a questão do negacionismo. Essa questão é fundamental e colabora com a justificativa de focar no jornalismo multimídia como ferramenta de registro histórico do Holocausto. Há um crescente movimento que busca falsificar toda e qualquer história dos sobreviventes, buscando deslegitimar os fatos que aconteceram durante do Holocausto. Como visto, essa onda negacionista está presente, principalmente, na *internet*.

Paralelamente, vimos diversos exemplos de entidades do Holocausto que migraram para o espaço digital como forma de conter e combater frente à frente essa onda do negacionismo. São exemplos disso os museus, os campos de concentração e os próprios sobreviventes. A presença dessas figuras que representam o Holocausto na *internet* contribui para fortalecer o movimento de conservação da memória para as novas gerações que se encontram, em sua maioria, na *web*.

Além da presença digital das representações do Holocausto significar uma forma de conter o avanço do negacionismo, também representa a materialização da memória que está distante para algumas pessoas. Por exemplo, como visto, Auschwitz tem uma página no *Instagram* em que se publicam fotos e vídeos. Não é mais necessário fazer uma viagem até a Polônia para conhecer o campo e seus detalhes, isso pode ser visto sem sair de casa.

Essa migração para o espaço digital foi explorada pelo sentido de conservar a memória do Holocausto na internet como forma de se adaptar às novas tecnologias e alcançar ainda mais pessoas, de forma rápida e eficaz. O jornalismo tem essa ferramenta em mãos e deve utilizá-la para explorar a proteção da memória do Holocausto.

É com esse cenário que entramos no ponto que materializa toda a discussão teórica deste trabalho: a *live* do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos no *Youtube*. O último capítulo é a representação prática de tudo o que foi desenvolvido ao longo do trabalho.

A *live* First Person é um objeto que deve continuar a ser estudado devido ao fato de seu valor histórico inestimável. Ela simboliza o trabalho do jornalismo multimídia como forma de manter viva a memória do Holocausto.

A oportunidade de ver um sobrevivente e ouvir seu relato em primeira mão, ao vivo, é algo inédito e histórico. Vale lembrar, como foi reforçado ao longo do trabalho, que os sobreviventes estão envelhecendo e desaparecendo e, com eles, seus testemunhos também estão indo embora. Logo, esse trabalho jornalístico feito pelo Museu Memorial dos Estados Unidos se torna urgente e essencial no que diz respeito à memória do Holocausto.

De maneira geral, busquei abordar os principais temas relacionados à questão da conservação da memória do Holocausto por meio do jornalismo, desde os anos em que se buscavam exterminar os judeus até os dias atuais com as mais recentes tecnologias.

Ao finalizar a leitura deste trabalho, o leitor terá a consciência da importância de preservar essa memória enquanto ainda há tempo; enquanto ainda temos a oportunidade de conversar com um sobrevivente. Mais que isso, o leitor poderá analisar, de forma completa, como o jornalista é imprescindível para essa função.

Este trabalho, além de exaltar o trabalho jornalístico como principal meio de difundir a verdade e os fatos, também é uma forma de preservar a memória do Holocausto e a daqueles que sobreviveram e a dos que não tiveram chance de testemunhar.

Espero, de alguma forma, ter produzido não apenas um trabalho de conclusão de curso, mas também ter deixado um objeto de estudo e contribuição para a conservação da memória do Holocausto hoje e no futuro.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: O arquivo e a testemunha.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos.** Comunicação, mídia e consumo, São Paulo, ed. 6, ano 2009, p. 11-27.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Meios de comunicação: lugar de memória ou na história?** Contracampo, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 07-26, abr/jul., 2016.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Mídia e memória: entrelaçamentos.** Comunicação & Memória, Rio de Janeiro: Memória da Eletricidade, ano 2021, 31 mar. 2021. Disponível em <<https://revistacm.memoriadaeletricidade.com.br/post?id=17>> Acesso em 7 dez, 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto.** 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **O negacionismo do Holocausto na internet.** Faces da História, v. 3, n. 1, p. 5-23, 29 ago. 2017.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. **O negacionismo do Holocausto: Pseudo-história e história pública.** Resgate, v. XXII, n. 28, p. 5-12, jul./dez. 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens.** 1 ed. Lisboa: Orfeu Negro, 2017.

EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich no poder.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, v. 2, 2012.

EPHRATH, Arye. 2022 First Person with Holocaust Survivor Arye Ephrath. Entrevista concedida ao Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos (Washington D.C), nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RCHWYAe9PGY>. Acesso em: 21 dez, 2022.

FENVES, Steven. 2022 First Person with Holocaust Survivor Steven Fenves. Entrevista concedida ao Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos (Washington D.C), jan. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iThfpOQU1M>. Acesso em: 21 dez, 2022

FRIED, Hédi. **Perguntas que me fazem sobre o Holocausto.** 1 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.

GERK, Cristine; BARBOSA, Marialva. **Jornalismo, Memória e Testemunho: Uma análise do tempo presente.** Contracampo, Niterói, v. 37, n. 01, pp. 150-167, abr. 2018/ jul. 2018.

GUTERMAN, Marcos. **Holocausto e Memória.** São Paulo: Editora Contexto, 2020.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX.** 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

JAKU, Eddie. **O homem mais feliz do mundo: A bela vida de um sobrevivente de Auschwitz.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

KONIG, Nanette Blitz. **Eu sobrevivi ao Holocausto**: O comovente relato de uma das últimas amigas vivas de Anne Frank. 1 ed. São Paulo: Universo dos Livros, 2015.

KLAYMAN, Theodora. 2021 First Person with Holocaust Survivor Theodora Klayman. Entrevista concedida ao Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos (Washington D.C), mai. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UYB_s5NtBs0&list=PLWQC3P4psZP4bPVGfBe8Jw8AO6ep4NxqQ&index=20. Acesso em: 27 nov, 2022.

LENGYEL, Olga. **Os fornos de Hitler**: A história de uma sobrevivente de Auschwitz. 4. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**: Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. 2. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

OLIVEIRA, Natália Silva Teixeira Rodrigues de. **Poder e (in)tolerância: a importância da memória na reconstrução de uma identidade**. Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte, ed. 112, p. 299-338, 30 jun. 2016.

ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

SELLIGMAN-SILVA, Márcio, **Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas** IN: Psicologia Clínica, Revista do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica /RJ, Vol. 20N.1,065-82, 2008.

SHAFFIR, Nat. 2021 First Person with Holocaust Survivor Nat Shaffir. Entrevista concedida ao Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos (Washington D.C), dez. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=srGfU15aRr8&list=PLWQC3P4psZP4bPVGfBe8Jw8AO6ep4NxqQ&index=12>. Acesso em: 27 nov, 2022.